

## Vida e morte em Fechner e Freud<sup>1</sup>

### Life and death in Fechner and Freud

ANDRÉ SANTANA MATTOS

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

[and\\_mat@hotmail.com](mailto:and_mat@hotmail.com)

#### RESUMO

As concepções de vida e morte de Freud e de Fechner se entrelaçam no momento em que o primeiro, em *Além do princípio do prazer* (1920), aclimata ao seu arcabouço teórico o princípio fechneriano da tendência à estabilidade, tomado a partir de então como um princípio mais geral ao qual se subordina o princípio da constância (ou princípio do Nirvana). O princípio de Fechner, contudo, é destacado por Freud de uma obra publicada em 1873, onde seu autor o formula como um princípio físico que se insere em uma concepção geral sobre a vida — sobre a sua origem e o seu desenvolvimento, mas também o seu ocaso —, concepção que difere sobremaneira da visão científica usual, à qual Freud se filia. No entanto, a visão sobre a vida e a morte dos dois autores conflui a partir do ponto em comum representado pelo princípio da tendência à estabilidade, que, em Fechner, leva os organismos progressivamente ao estado inorgânico e, em Freud, parece poder ser entendido como o fundamento da pulsão de morte, que naturalmente se esforça por alcançar este mesmo fim.

**Palavras-Chave:** Freud. Fechner. Vida. Morte.

#### ABSTRACT

Freud's and Fechner's conceptions of life and death are intertwined when the former, in *Beyond the Pleasure Principle* (1920), acclimatizes to his theoretical framework the Fechnerian principle of the tendency to stability, taken from then on as a more general principle to which the constancy principle (or Nirvana principle) is subordinated. Fechner's principle, however, is highlighted by Freud from a work published in 1873, where its author formulates it as a physical principle that fits into a general conception of life — about its origin and its development, but also the its sunset — a conception that differs greatly from the usual scientific view, to which Freud adheres. However, the vision of life and death of the two authors converges from the common point represented by the principle of the tendency to stability, which, in Fechner, leads organisms progressively to an inorganic state and, in Freud, seems to be understood as the foundation of the death drive, which naturally strives to achieve this very end.

**Keywords:** Freud. Fechner. Life. Death.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido para avaliação em 25 de outubro de 2021 e aprovado em 12 de novembro em 2021.

## 1. INTRODUÇÃO

A obra de Sigmund Freud se cruza em alguns pontos significativos com a de Gustav T. Fechner, o qual, além de ter sido um pioneiro da psicologia experimental e ter atuado em outros campos científicos, é autor também de significativa obra filosófica, cuja metafísica compreende especulações sobre a natureza, a vida e a alma. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud se refere a ele como “o grande Fechner” (FREUD, 2012), tomando como particularmente valiosa a sua ideia de que os sonhos ocorrem em um outro cenário psíquico. Também em sua apresentação autobiográfica, de 1925, expressará o seu singular apreço por este autor: “Sempre fui receptivo às ideias de G. T. Fechner, e apoiei-me nesse pensador em alguns aspectos importantes” (FREUD, 2011).

É em 1920, no entanto, em *Além do princípio do prazer*, que Freud estabelecerá uma relação entre sua obra teórica e a de Fechner que nos dá a ocasião para realizar um estudo comparativo das concepções de vida e de morte dos dois autores. Este escrito tem em seu escopo a exploração de fenômenos psíquicos que manifestam uma compulsão à repetição que seria independente do princípio do prazer, a qual será tomada por Freud como uma característica geral das pulsões, catalisando uma reforma na teoria pulsional freudiana, que assistirá à introdução da hipótese da pulsão de morte e a organização das pulsões anteriormente reconhecidas no polo oposto das pulsões de vida.

No início da obra, Freud se detém em algumas considerações sobre a sua compreensão do princípio do prazer, apresentando-o como uma forma de regulação do aparelho psíquico que teria como fim uma diminuição das tensões desprazerosas, portanto “uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer” (FREUD, 2010, p.121). Neste sentido, descreve em maior detalhe o seu entendimento sobre o fundamento das sensações de prazer e desprazer, isto é, sua relação com as modificações no nível de tensão:

Decidimos relacionar prazer e desprazer à quantidade de excitação presente na vida anímica — e não ligada de nenhum modo —, de tal maneira que o desprazer corresponda a um incremento dessa quantidade e o prazer, a uma redução dela. Não temos em mente uma relação simples entre a intensidade [*Stärke*] de tais sensações e as alterações às quais estão relacionadas; menos ainda — após todas as experiências da psicofisiologia — uma proporcionalidade direta; o fator decisivo para a sensação é, provavelmente, a medida do incremento ou redução no tempo. (FREUD, 2010. p.121).

De acordo com Simanke, é a partir de *Além do princípio do prazer* que Freud introduz uma formulação mais rigorosa dessa relação, rejeitando agora uma atribuição das sensações de prazer e desprazer a uma mera mudança do nível de excitação (SIMANKE, 2020, p. 375). A referência às experiências psicofisiológicas pode se dever, inclusive, ao diálogo mais vivo que ele manteria com Fechner nesta obra, já que foi este autor, nos *Elementos da psicofísica*, trabalho pioneiro na psicologia experimental, que demonstrou que as mudanças na intensidade das sensações não ocorrem numa proporção direta das mudanças na intensidade dos estímulos correspondentes. E é em Fechner, então, que Freud diz encontrar uma concepção sobre as sensações de prazer e desprazer que coincide essencialmente com a sua. A passagem em que Fechner formula essas ideias encontra-se no livro *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen (Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos)*, de 1873, sendo citada por Freud:

Uma vez que impulsos [*Antriebe*] conscientes estão sempre em relação com prazer ou desprazer, prazer ou desprazer podem também ser pensados em relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade; e pode-se em seguida fundamentar a hipótese, a ser desenvolvida por mim mais detalhadamente em outro lugar, de que todo movimento psicofísico que supera o limiar da consciência seria marcado [*behaftet*] pelo prazer, na medida em que ele se aproxima da estabilidade completa para além de um certo limite, e pelo desprazer, na medida em que ele se afasta dela além de um certo limite, ao passo que, entre ambos os limites, que devem ser designados como limiar qualitativo do prazer e do desprazer, há uma certa extensão de indiferença estética [...].(FECHNER, 1873, p. 94 apud FREUD, 2010, p.122).

Em seguida, Freud relaciona o princípio do prazer e o princípio da constância ao princípio da tendência à estabilidade de Fechner:

Os fatos que nos levaram a crer que o princípio do prazer predomina na psique também acham expressão na hipótese de que o aparelho psíquico se empenha em conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante. É a mesma coisa [*dasselbe*], apenas em outra formulação, pois, se o trabalho do aparelho psíquico se dirige para manter baixa a quantidade de excitação, tudo o que tem a propriedade de aumentá-la será percebido como disfuncional, ou seja, como desprazeroso. O

princípio do prazer deriva do princípio da constância; na realidade o princípio da constância foi deduzido dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio do prazer. E, ao aprofundar a discussão, veremos que esse empenho do aparelho psíquico, que nós supomos, subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade*, ao qual ele, Fechner, relacionou as sensações de prazer-desprazer. (FREUD, 2010, p. 122).

O princípio da tendência à estabilidade havia sido formulado por Fechner na obra já citada de 1873, onde ele se propõe a uma reavaliação da teoria da evolução de Darwin, mas apresenta diversas ideias, em um escopo bem mais amplo, que envolvem uma concepção de mundo em geral, assim como uma concepção geral da vida e do desenvolvimento dos organismos, onde figura com destaque o princípio da tendência à estabilidade, o qual é também relacionado a aspectos da vida psíquica.

O princípio da tendência à estabilidade é apresentado no terceiro capítulo do livro de Fechner, que se inicia com algumas observações sobre a noção de estabilidade ali empregada:

Para ser breve, chamo de relações *estáveis* as relações de posições e movimento das partículas de um sistema material ou dos centros de gravidade de massas inteiras (abreviadamente, massas), que se pode pensar de forma unificada para um sistema maior, quando estas relações se repetem em um período regular (isto é, em seções temporais iguais que se sucedem) [...]. (FECHNER, 1873, p. 25-6.)

A partir daí, Fechner distingue três níveis de estabilidade: a *estabilidade absoluta* seria “o estado de repouso das partículas ou massas umas em relação às outras”, sendo entendida como “o caso-limite onde as mesmas relações mantêm-se *permanentemente*”, tendo como contraparte o caso-limite oposto da instabilidade absoluta, entendido como “uma dispersão ao infinito das partículas ou massas em direções divergentes” ( FECHNER, 1873, p. 26); a *estabilidade completa* seria “o caso onde, embora ocorram movimentos, estes sempre reconduzem, em seções temporais exatamente iguais, para as mesmas relações das partículas ou massas entre si” ( FECHNER, 1873, p. 26); por fim, a *estabilidade aproximativa* descreveria os casos em que “as partículas ou massas de um sistema nunca retornem novamente de modo exato, mas sim de modo aproximado, em seções temporais iguais, para as antigas relações que

mantinham entre si” (FECHNER, 1873, p. 26) estado que tem o Sistema Solar como um exemplo.

Após tecer algumas considerações preparatórias, Fechner então enuncia o seu princípio da tendência à estabilidade:

Em todo sistema de partes materiais que se encontra abandonado a si mesmo ou sob condições externas constantes, e, portanto, também no sistema do mundo material, uma vez que o consideramos como um sistema fechado, tem lugar, com a exceção de movimentos que vão ao infinito, uma progressão contínua de estados instáveis para [estados] estáveis, até um estado final completamente ou aproximadamente estável. (FECHNER, 1873, p. 30). Tradução nossa.

O estado final presente na formulação do princípio, como se pode notar, não seria a estabilidade absoluta. A razão para isso pode ser encontrada em uma observação posterior, versando sobre a consideração conjunta da tendência à estabilidade e do então chamado princípio da conservação da força:

Assim, já está contido no sentido de tal combinação que um progresso irrestrito do mundo para a estabilidade absoluta, a qual consiste no repouso completo das partículas, não pode ter lugar; pelo contrário, através do princípio da conservação da força [*Princip der Erhaltung der Kraft*] é posto um limite à aproximação a ela. Decerto, a força viva [*lebendige Kraft*] não pode de modo algum, através da tendência à estabilidade, ser alterada no mundo como um todo segundo sua quantidade, mas apenas segundo a forma na qual ela se manifesta. (FECHNER, 1873, p. 34-5). Tradução nossa.

As relações de estabilidade aproximada podem ser constatadas, de acordo com Fechner, não apenas nos movimentos planetários do Sistema Solar, mas ainda nos movimentos observados no interior da Terra, em decorrência de sua relação com a Lua e o Sol, exemplificados nos fenômenos periódicos de “maré baixa e maré alta, ciclo das águas, ventos periódicos, alterações periódicas da temperatura, da pressão atmosférica etc.” (FECHNER, 1873, p. 32). Fechner também enxerga tal estabilidade nos organismos, que são “inteiramente estruturados a partir da periodicidade de suas funções e, com isto, das relações estáveis de sua vida” (FECHNER, 1873, p. 32), o que também pode ser estendido à vida mental:

Mesmo o domínio mental [*geistig*] se mostra submetido a esse princípio. Pois achamos que, quanto mais uma pessoa se retira da influência variável das circunstâncias externas, toda a sua vida de representações, sensações, sentimentos se ordena em ciclos cada vez mais regulares ou, dito brevemente, se torna cada vez mais estável; um dia se torna para ela logo como o outro; o que podemos pensar como relacionado à estabilidade crescente dos processos materiais que subjazem à vida mental [*geistig*]. (FECHNER, 1873, p. 32). Tradução nossa.

Ao ser recepcionado na obra de Freud, por sua vez, o princípio da tendência à estabilidade é posto na base do princípio da constância, como já observamos, e este último, de acordo com Freud, estaria a serviço das pulsões de morte, do empenho em “retornar à quietude do mundo inorgânico” (FREUD, 2010). Com efeito, após elencar os fenômenos da compulsão à repetição e reunir coragem para supor que esta compulsão seria algo mais primário que o princípio do prazer, já que por vezes a ele se opunha, Freud se lança em especulações mais amplas, afirmando que estaríamos aí diante de “uma característica universal das pulsões”, reformulando assim o próprio conceito de *Trieb*, que passa a ser entendido como “*um ímpeto [Drang], inerente ao orgânico vivo, de restauração de um estado anterior*” (FREUD, 2010, p.147). Levando esta ideia ao extremo, surge então a hipótese de que, com o surgimento da vida a partir da matéria inanimada, a tensão que daí sobreveio na substância viva teria tentado se anular, e esta teria sido a primeira pulsão, um ímpeto a retornar ao inanimado — a pulsão de morte:

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*. (FREUD, 2010, p.149).

Talvez nos pareça estranha esta última afirmação, sob a pena de Freud, de que o inorgânico é anterior à vida — estranha justamente por parecer desnecessária, por afirmar uma obviedade. A incursão na obra de Fechner, contudo, parece iluminar esta passagem, já que o autor apresenta ali justamente a ideia de que o orgânico é anterior ao inorgânico, numa reverberação da influência que sobre ele exercera a filosofia romântica da natureza de Friedrich Schelling e Lorenz Oken (HEIDELBERGER, 2004).

Fechner aponta que a teoria da descendência de então estava ligada à ideia de que o reino orgânico se formou a partir do reino inorgânico, mas que os defensores desta ideia não conseguiam reproduzir este surgimento da vida a partir do inorgânico, o que também estaria em contradição com o princípio da tendência à estabilidade. “Põe-se um grande peso”, diz Fechner, “no fato de que a química moderna, a partir de substâncias puramente inorgânicas, teria aprendido a criar uréia, ácido fórmico etc., que também são produzidos por organismos” (FECHNER, 1873, p. 42), mas ela não foi capaz de reproduzir, nestas substâncias, o estado orgânico de movimento ou os fenômenos de nutrição, crescimento e reprodução, o que motivaria uma argumentação em favor de uma inversão desta concepção:

Assim, porém, enquanto o reino inorgânico se mostra incapaz de produzir o orgânico em si a partir de si, vemos diariamente substâncias inorgânicas serem eliminadas [*sich ausscheiden*] em e de [*in und aus*] organismos, em estado líquido ou gasoso, ou formar neles estruturas mais ou menos sólidas, e assim eu penso, embora não conforme essa analogia, mas de acordo com razões mais diretas, que, ao invés de um surgimento e separação [*Ausscheidung*] dos organismos no e a partir do [*in und aus dem*] reino inorgânico, temos também de supor, pelo contrário, um surgimento e separação das massas inorgânicas a partir de um estado originalmente orgânico da Terra, no sentido de nossa explicação do estado orgânico [...].(FECHNER, 1873, p. 43). Tradução nossa.

A concepção formulada por Fechner acerca dos estados orgânicos e inorgânicos, que está na base de sua concepção sobre o surgimento da vida, consiste em uma distinção baseada no estado de movimento das moléculas<sup>2</sup>. O estado das *moléculas inorgânicas*, segundo ele, se baseia em que “as partículas nas quais elas consistem não podem modificar, através de sua ação recíproca sob a cooperação da inércia, o arranjo no qual elas estão dispostas” (FECHNER, 1873, p. 1). As partículas podem ainda se encontrar em um estado de vibração, contanto que este não altere o arranjo da molécula, cujas partículas devem permanecer em uma situação fixa de equilíbrio, estando a amplitude da vibração das partículas relacionada à temperatura da molécula. O estado

---

<sup>2</sup> O conceito de “molécula” de Fechner, que não parece coincidir com o conceito contemporâneo, é apresentado como segue: “Se entendemos como moléculas em geral [*überhaupt*] massas muito pequenas, cujas partículas permanecem em associação mais íntima umas com as outras, assim como com as [partículas] das massas vizinhas, através de forças que se expressam reciprocamente [...]” (FECHNER, op. cit., p. 1, tradução nossa).

das *moléculas orgânicas*, por sua vez, se basearia em que “as partículas nas quais elas consistem sempre mudam [novamente], através da ação recíproca sob a cooperação da inércia, o arranjo no qual elas se encontram dispostas em um momento qualquer” (FECHNER, 1873, p. 2), devendo-se ressaltar que essa mudança deve ser movida por forças internas para que a molécula possa ser considerada orgânica. A distinção entre moléculas orgânicas e inorgânicas pode ser ilustrada, de acordo com Fechner, a partir da distinção análoga entre dois sistemas materiais: a relação entre as moléculas de um cristal de sal nos fornece uma imagem da relação entre as partículas de uma molécula inorgânica, enquanto a relação entre os corpos celestes do Sistema Solar o faz em relação às partículas das moléculas orgânicas.

O movimento das partículas das moléculas inorgânicas estaria mais próximo da estabilidade absoluta, isto é, do repouso, enquanto no caso das moléculas orgânicas a disposição das partículas é modificada através de suas forças internas, restabelecendo-se periodicamente, no que caracteriza a estabilidade completa, de modo que a distinção entre os dois estados se coloca em uma relação significativa com o princípio da tendência à estabilidade:

De acordo com isto, a tendência à estabilidade, dito de modo geral, também vai muito mais no sentido de transformar estados orgânicos em inorgânicos do que o inverso. Imaginemos um organismo abandonado a si mesmo, privado do ar para respirar, da bebida, da alimentação, assim não apenas toda a sua associação orgânica, mas também a constituição orgânica de suas moléculas desaparecerá em curtíssimo tempo, e ele passará a um estado inorgânico, em virtude da tendência a estados mais estáveis, o que afinal certamente ocorre também no fim natural de sua vida; e na mesma tendência deve-se buscar a razão mais profunda pela qual o estado inorgânico não pode conceber [*gebären*] nenhum organismo a partir de si. Seria uma contradição ao princípio. (FECHNER, 1873, p. 36). Tradução nossa.

Notemos de imediato a atribuição por Fechner da morte do organismo, ao menos nestas condições, à tendência à estabilidade, o que retomaremos na comparação com a hipótese freudiana da pulsão de morte. Antes disso, contudo, terminemos de precisar a maneira como Fechner concebe a origem da vida orgânica como a conhecemos, a partir da consideração do estado primitivo da Terra como um estado já originalmente orgânico. De acordo com a sua definição de estado orgânico, o nosso planeta, em seus tempos primevos, apresentaria um estado de movimento que pode ser caracterizado também como orgânico, diferenciando-se apenas pelo fato de que, em lugar da força de

atração molecular, os movimentos de suas partículas eram determinados pela força da gravidade, dado que elas se encontravam separadas por maiores distâncias, cabendo, desse modo, a seguinte designação distintiva:

[...] na medida em que se pode fazer necessária uma distinção entre o estado primitivo [*Urzustand*] da Terra e os estados orgânicos que podem ser observados agora na Terra, o primeiro pode ser designado como cosmorgânico [*kosmorganisch*], ao passo que o último, como molecular-orgânico [*moleculorganisch*]. (FECHNER, 1873, p. 43). Tradução nossa.

O processo de transformação do estado cosmorgânico nos estados de movimento molecular-orgânicos será ainda objeto de consideração detida por Fechner. À medida que as partículas que formaram a Terra se tornavam cada vez mais próximas, os grandes movimentos cosmorgânicos, segundo ele, foram se transformando em pequenos movimentos molecular-orgânicos. Uma característica distintiva dos estados molecular-orgânicos, porém, é que eles não poderiam surgir ou subsistir em temperaturas muito elevadas, o que seria o caso, em determinado período, para toda a massa terrestre, de acordo com uma representação comum. Contudo, o aquecimento só teria tido lugar com a condensação da massa da Terra, a qual ocorreu certamente em torno do seu centro de gravidade, de modo que também a temperatura seria maior nas proximidades deste centro e menor na periferia. Dessa maneira, a formação e a conservação de estados molecular-orgânicos teriam se tornado possíveis nas camadas em que o aquecimento não ultrapassava os limites toleráveis por estes estados. No início do processo de condensação, o aquecimento poderia ser pequeno o bastante para permitir o surgimento de estados molecular-orgânicos mesmo nas proximidades do centro de gravidade; porém, com o avanço do processo de condensação e aquecimento, estes estados teriam sido consumidos pelo calor, e assim se teria repetido progressivamente, do centro para a periferia, este processo de transformação de estados cosmorgânicos em estados molecular-orgânicos, com a posterior destruição destes últimos pelo aquecimento, até que o planeta chegasse a um estado de equilíbrio onde restava apenas a massa molecular-orgânica que ainda se mantém na sua superfície.

Segundo Fechner, contudo, não sabemos se toda a matéria original da Terra seria capaz de assumir um estado molecular-orgânico ou se precisaria passar por ele no processo de transformação do estado cosmorgânico ao estado inorgânico, sendo

provável que tenha havido concomitantemente a passagem direta ao estado inorgânico. Se supormos que a matéria original em seu estado cosmorgânico se encontrava já em um estado incandescente, se seguiria que parte dela teria passado diretamente, durante a condensação, para um estado molecular-inorgânico incandescente, enquanto o resto dessa massa, agora suficientemente resfriada, daria origem ao estado material molecular-orgânico. Na primeira representação apresentada, o estado cosmorgânico original é escuro e frio, enquanto na segunda representação ele é luminoso e quente. Fechner diz não saber decidir entre essas duas ideias ou alguma outra, aproveitando o ensejo da incerteza para apontar também o caráter hipotético da própria origem cosmorgânica dos estados molecular-orgânicos.

Como já notamos, Fechner deixa claro que a tendência à estabilidade leva o organismo ao estado inorgânico, enquanto não há outras circunstâncias que impeçam o completo transcurso deste processo. E certamente não se pode desprezar a concordância desta tendência com o trabalho da pulsão de morte, formulada por Freud na mesma obra na qual é evocada a tendência fechneriana. Se a conservação do organismo individual pode ser realizada temporariamente, através da respiração e da nutrição, a inevitável morte natural do indivíduo só não tem como consequência o fim da vida em geral por conta da reprodução, que em Freud estará representada na pulsão de vida, aparecendo na descrição feita por Fechner da estabilização e do declínio do processo vital do organismo individual:

Uma vez que é atingido um limite do crescimento, o organismo, dito de modo geral, persiste por um tempo em uma relação aproximadamente estável, de maneira bastante uniforme, simultaneamente em si e para o mundo externo; aos poucos, porém, a estabilidade inorgânica começa mais e mais a ganhar espaço às custas da [estabilidade] orgânica, enquanto as partes se tornam mais fixas e rígidas e os movimentos desaceleram mais, até que finalmente o organismo inteiro decai de novo no estado inorgânico, e com isto a vida orgânica estaria mesmo terminada, se ele não fosse capaz, durante a sua vida, de separar [*abspalten*] de si partes que repetem [*wiederholen*] o seu processo vital. (FECHNER, 1873, p. 39). Tradução nossa.

A confluência entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte deve ainda, contudo, nos incitar a analisar em detalhe se haveria entre elas uma identidade ou, caso contrário, examinar quais são as suas semelhanças e diferenças. Podemos logo dizer, de saída, que não pode se tratar de uma inteira identidade, pelo fato básico de que a

tendência à estabilidade é um princípio físico geral, enquanto a pulsão de morte é concebida como um princípio biológico, restrita portanto ao domínio da vida.

A compreensão da pulsão de morte por Freud como uma tentativa de auto-anulação da tensão que teria surgido na matéria inorgânica juntamente com a vida (FREUD, 2010), apesar de consistir em uma ação em prol da estabilidade inorgânica, parece se caracterizar como uma espécie de força físico-química, em consonância com a caracterização que Freud faz da pulsão em geral como “uma espécie de elasticidade orgânica” (FREUD, 2010), o que não soa tão afim com a tendência à estabilidade de Fechner. Se considerarmos agora o outro termo que ele acrescenta a essa caracterização geral da pulsão, isto é, “a expressão da inércia da vida orgânica” (FREUD, 2010), poderíamos talvez tomá-lo como algo mais próximo ao princípio fechneriano, mas se o uso do termo “inércia” se faz aqui no sentido do “princípio de inércia neuronal” do *Projeto* de 1895, trata-se, do mesmo modo, de algo mais próximo à ideia de força do que propriamente ao conceito físico de inércia. Dessa maneira, penso que devemos ter certa prudência quanto a uma identificação entre a pulsão de morte freudiana e a tendência à morte que se expressa através do princípio fechneriano, o qual não possui o caráter reativo da primeira<sup>3</sup>; sua atuação não se dá como a de uma força, consistindo meramente na consequência da disposição inicial das partículas de um sistema material, que o leva a repetir periodicamente o mesmo estado inicial. Ainda assim, creio que podemos subscrever às palavras de Nitzschke, se enfatizarmos a distinção entre a meta e o meio de ação dos princípios: “Entendido no sentido mais geral, portanto, Freud não introduz, com o conceito de pulsão de morte (ao menos tendo em consideração a sua *meta*), nenhum pensamento novo divergente do ponto de vista de Fechner” (NITZSCHKE, 1989, p. 86). Pensamos que o conceito freudiano guarda ainda significativa originalidade, mas não deixa de ser notável que Freud cite o princípio fechneriano sem associá-lo explicitamente à pulsão de morte.

Esta conexão entre a tendência à estabilidade e a pulsão de morte no interior da obra de Freud, apesar de não ser estabelecida diretamente pelo autor, parece ficar

---

<sup>3</sup> Ellenberger (1993 [1956]) afirma que Fechner não pensava a tendência à estabilidade “como um instinto dos seres vivos”, acentuando assim a divergência entre as formulações dos dois autores nesse aspecto, mas o faz por considerar que, para Fechner, essa tendência “era característica apenas do mundo físico” (p. 103), com o que não estamos de acordo.

subentendida, guardando boa dose de coerência teórica. Como vimos, no início de *Além do princípio do prazer*, Freud afirmou considerar o princípio de constância como um caso especial do princípio da tendência à estabilidade de Fechner. Mais adiante, na mesma obra, ele dirá então que a pulsão de morte está representada na vida psíquica ou nervosa pelo princípio de constância, isto é, o “esforço de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos [...], tal como se exprime no princípio do prazer” (FREUD, 2010). Portanto, se na base do princípio de constância encontra-se tanto a tendência à estabilidade quanto a pulsão de morte, é bem provável que aí se considere, como em Fechner, que a tendência à estabilidade se manifesta na vida orgânica como uma tendência à morte.

Ao contrário de Fechner, que apresenta suas definições dos estados orgânico e inorgânico, Freud não formula uma concepção própria de vida e morte, inserindo-se na visão científica usual. A sua concepção das pulsões de vida e de morte, contudo, nos dá indiretamente indicações de atributos que seriam tomados como distintivos de vida e morte. A anulação ou diminuição de tensão e excitação, por exemplo, é tomada como característica da pulsão de morte, ao passo que o aumento de tensões é relacionado às pulsões de vida. A pulsão de morte é caracterizada pela separação, pelo desligamento, pela repulsão, enquanto a pulsão de vida se relacionaria à união, ligação, atração.

A pulsão de vida freudiana, nos seus aspectos mais gerais — isto é, sexualidade e auto-conservação —, parece coincidir com a visão de Fechner, assim como, ademais, com a visão científica comum sobre o assunto. Em suas peculiaridades, porém, tanto as pulsões de vida quanto as pulsões de morte não parecem encontrar uma equivalência precisa nas ideias de Fechner — o que não quer dizer que sejam refutadas por elas. A distinção entre estados orgânicos e inorgânicos por ele formulada não tem relação especial com os atributos de união e separação ou atração e repulsão, ao passo que o aumento ou diminuição de excitação, que Freud identifica ao aumento ou diminuição de estabilidade, no trecho de Fechner por ele citado, não parece ser relacionado por este autor às situações de estabilidade e instabilidade<sup>4</sup>( HEIDELBERGER, 2004, p. 265), não podendo também, portanto, ser estendido à caracterização de vida e morte.

---

<sup>4</sup> Heidelberg (2004, p. 265) que faz considerações neste mesmo sentido.

## REFERÊNCIAS

ELLENBERGER, Henri F. Fechner and Freud [1956]. In: Micale, M. S. (org.). *Beyond the unconscious: essays of Henry F. Ellenberger in the history of psychiatry*. Princeton: Princeton University Press, 1993. Pp. 89-103.

FECHNER, Gustav T. *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen*. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1873.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos [1900]. Trad. R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FREUD, Sigmund. Jenseits des Lustprinzips [1920]. In: \_\_\_\_\_. *Studienausgabe*. Band III. Psychologie des Unbewußten. Frankfurt a.M.: Fischer Taschenbuch, 1982. pp. 213-272.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer [1920]. Trad. J. L. Etcheverry. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. vol. 18. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. pp. 1-62.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 14*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 161-239.

FREUD, Sigmund. “Autobiografia” [1925]. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 16*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Pp. 75-167.

HEIDELBERGER, Michael. *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Trad. C. Klohr. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.

NITZSCHKE, Bernd. Freud und Fechner: Einige Anmerkungen zu den psychoanalytischen Konzepten „Lustprinzip“ und „Todestrieb“. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Freud und die akademische Psychologie: Beiträge zu einer historischen Kontroverse*. Munique: Psychologie-Verlags-Union, 1989, pp. 80-96.

SIMANKE, Richard T. Fontes científicas: “Um reino de possibilidades ilimitadas”. In: Freud, Sigmund. *Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]*. Edição crítica bilíngue. Trad. M. R. S. Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Pp. 369-442.